

# O PERCURSO EXÍLICO DE ALFRED DÖBLIN DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

## ALFRED DÖBLIN'S EXILIC JOURNEY DURING WORLD WAR II

Christini Roman de Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo enfoca o relato de Alfred Döblin sobre sua fuga da Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Em sua obra *Viagem ao destino: relato e confissão* [título original: *Schicksalsreise. Bericht und Bekenntnis*] o autor alemão expõe o drama dos sujeitos que tiveram que deixar o continente em chamas, relatando as minúcias da fuga. Portugal foi ponto estratégico para aqueles que deixaram a Europa continental ou seguiram até a Inglaterra em função de sua geopolítica – da neutralidade assumida por António de Oliveira Salazar durante todo o conflito e de sua posição geográfica. A lista de intelectuais, artistas, políticos e cientistas que recorreram a Portugal como porto de passagem para deixar a Europa é imensa. No inventário, destacam-se muitas personalidades como o escritor Franz Werfel, historiadores como Golo Mann, que chegou à Lisboa com a irmã Erika, assim como com seu tio e a mulher, Henrich e Nelly Mann (filhos e irmão de Thomas Mann), a filósofa Hannah Arendt, a qual aportou em Lisboa em janeiro de 1941 e permaneceu três meses na capital portuguesa. Alfred Döblin faz parte dessa vasta lista. Seu relato traduz a vivência do exílio a partir do deslocamento, da travessia que os levou do lugar de partida até o destino de abrigo. Döblin narra, assim, o entremeio, o deslocamento geográfico e temporal e a condição subjetiva de angústia, medo, fome, entre outros aspectos que compreendem o processo que abrange tanto as passagens por distintos locais, quanto o movimento interno de tornar-se um desterrado ou deslocado. As distintas dimensões narrativas, para mais, apontam para a urgência desses sujeitos – simbolizados pelo autor em questão – em fugir do contexto em que estavam inseridos, assim como dão a ver o choque causado pela desumanização provocada pela guerra e suas consequências.

**Palavras-chave:** Alfred Döblin. Fuga. Deslocamento. Relato. Portugal.

**Abstract:** The article focuses on Alfred Döblin's account of his escape from Europe during World War II. In his book *Journey to Destiny: Report and Confession* [original title *Schicksalsreise. Bericht und Bekenntnis*], the German author exposes the drama of those who had to leave the burning continent, reporting the minutiae of their escape. Portugal was a strategic point for those who left continental Europe or headed for England because of its geopolitics - the neutrality assumed by António de Oliveira Salazar throughout the conflict and its geographical position. The list of intellectuals, artists, politicians, and scientists who used Portugal as a port of passage to leave Europe is immense. In the inventory are many personalities such as the writer Franz Werfel, historians such as Golo Mann, who arrived in Lisbon with his sister Erika, as well as his uncle and his wife, Henrich and Nelly Mann (Thomas Mann's son and brother), the philosopher Hannah Arendt, who arrived in Lisbon in January 1941 and stayed three months in the Portuguese capital. Alfred Döblin is part of this vast list. His account translates the experience of exile from the displacement, the crossing that took him from the place of departure to the destination of shelter. Döblin narrates, thus, the in-between, the geographical and temporal displacement and the subjective condition of anguish, fear, hunger, among other aspects that comprise the process that includes both the passages through different places, and the internal movement of becoming an outcast or displaced person. The distinct narrative dimensions, moreover, point to the urgency of these subjects - symbolized by the author in question - in fleeing from the context in which they were inserted, as well as show the shock caused by the dehumanization caused by the war and its consequences.

**Keywords:** Alfred Döblin. Escape. Displacement. Report. Portugal.

### Introdução

Alfred Döblin é considerado um dos maiores expoentes da literatura alemã do século XX – “ao lado de Franz Kafka, Bertolt Brecht, Thomas Mann e Robert Musil” (BOLLE, 2018, p. 78). Nasceu em Stettin (hoje Szczecin, Polônia), no ano de 1878. Filho de judeus

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura pela UFRGS. Realiza estágio de pós-doutorado, junto à Universidade Feevale, em Processos e Manifestações Culturais, com projeto de pesquisa centrado no silenciamento das personagens femininas nos contos de Machado de Assis.

poloneses, aos dez anos vê o pai, um alfaiate, abandonar a família para seguir rumo à América acompanhado de uma costureira. A breve infância termina quando a mãe, com cinco filhos para sustentar e quase sem recursos, deixa a cidade, partindo para Berlim, onde vive em extrema pobreza. O jovem Döblin, ainda assim, forma-se em medicina, especializa-se em neuropsiquiatria e atua, de 1905 até 1930, em um bairro pobre de Berlim (PAWEL, 1983). Casa-se, em 1912, com Erna Reis e serve na frente alsaciana como médico militar durante a Primeira Guerra Mundial.

A história de miserabilidade de sua infância marcaria sua vida e repercutiria em seus ideais socialistas: “Pertencia a essa gente, a essa nação: os pobres” (DÖBLIN, 1996, p. 118). Ele vai destacar

[...] os longos anos de socialismo, em Berlim, depois da Primeira Grande Guerra e bem para além disso. [...] Perfilhei o pensamento socialista, o genuíno, o sentimento básico de uma irmandade de todos os homens. Olhei para os partidos e o que vi foi... caciquismo. Assim coagulou o pensamento socialista. E acabei por me ver reunido em Berlim com um pequeno grupo de homens, estilhaços de toda cesta de partidos, todos nós desencantados, desiludidos. Nós, estilhaços, congregámo-nos e assim ficamos até que o terror nos desbaratou. (DÖBLIN, 1996, p. 124).

Por esse período, nas imediações da Primeira Guerra, dedicou-se ativamente à literatura e ao cenário cultural berlinense. Compôs seu primeiro romance, *Os Três Saltos de Wang Lun* (*Die drei Sprünge des Wang-lun*, título original), em 1916, com o qual foi premiado com o Theodor Fontane de Literatura – a obra foi escrita enquanto esteve no *front*. Em 1920, passou a integrar a Associação de Escritores Alemães e, em 1924, tornou-se seu presidente. Döblin produzia muito. Para ele, a escrita era uma realidade em si mesma e não uma “contemplação” ou “clarificação”.

Conforme Otto Maria Carpeaux (1964), Döblin principiou sua incursão no mundo das letras com histórias fantásticas, seguindo, inicialmente, as diretrizes do Expressionismo. Após o primeiro romance, publicou *Montanhas, Mares, Gigantes* (*Berge Meere und Giganten*, publicado também em 1916), assim como *A luta de Wadzek com a Turbina a Vapor* (*Wadzeks Kampf mit der Dampfturbine*, de 1918) e o romance histórico *Wallenstein* (de 1920). A obra *Berlim Alexanderplatz*, considerada um clássico da literatura ocidental, foi publicada em 1929. De acordo com Carpeaux (1964, p. 215), o romance seria “fruto da mesma árvore” do *Ulisses*, de James Joyce: ele “resolveu fazer para a Berlim de 1927 o que Joyce tinha feito para a Dublin de 1904”. *Berlim Alexanderplatz* é considerado pelo público leitor e pela crítica como “uma obra capital da literatura europeia moderna” (CARPEAUX, 1964, p. 215):

O livro é um monumento a Berlim, porque o narrador não se preocupou em cortejar a cidade, com o sentimentalismo de quem celebra a terra natal. Ele fala *a partir* da cidade. Berlim é seu megafone. Seu dialeto é uma das forças que se voltam contra o caráter fechado do velho romance. Pois esse livro nada tem de fechado. (BENJAMIN, 1994, p. 57).

Alfred Döblin, após o incêndio do Reichstag, em 27 de fevereiro de 1933, vê o romance *Berlim Alexanderplatz* sendo queimado porque classificado como “literatura de asfalto” e como “arte degenerada”. Com isso, fugiu para a Suíça com a mulher e os três filhos em setembro de 1933, mudando-se, logo após, para a capital francesa. Com a queda de Paris, em junho de 1940, enceta sua deambulação por uma França em processo de ocupação. Em verdade, a ocupação da França teve início com os ataques relâmpagos (*Blitzkrieg*) em 10 de maio. Em menos de um mês, os alemães ocupariam o norte e o oeste do país. A capital sucumbiria em 14 de junho. E é a partir desse quadro que Alfred Döblin recontará sua fuga da Europa.

O autor de *Berlim Alexanderplatz* era um dos mais conceituados autores do país (reconhecido por Bertold Brecht e, mais tarde, por Günter Grass) quando deixou a sua terra natal. Döblin, em seu retorno à Alemanha do pós-guerra, passou a ser um “fantasma indesejável”, tanto que não conseguiu encontrar uma editora no país para publicar seu último romance. Consequentemente, ele foi praticamente esquecido na época, e sua morte, em 1957 (um ano após diagnosticado com o Mal de Parkinson), não alcançou atenção significativa (PAWEL, 1983, s.p.).

O descaso pode ter sido acarretado pelas barreiras impostas aos refugiados para alcançar os leitores de língua alemã, leitores para além dos círculos de exilados instalados em países diversos. Segundo Patrícia Helena Baialuna de Andrade (2015), estabeleceram-se, em muitos países, grupos de exilados para auxílio mútuo, grupo esse pautado pela liberdade e oposição ao nazismo e, nesse sentido, o movimento se articulou em torno de revistas e periódicos. As publicações resultaram das conexões entre intelectuais que burlaram a precariedade financeira para divulgar ideias e a literatura realizada por esses indivíduos desterrados, a *Emigrationsliteratur*:

Nos diversos países em que se formaram grupos de exilados alemães, estes logo se envolveram em atividades culturais e de resistência. Um dos mais importantes meios para a divulgação das obras literárias produzidas no exílio, para o debate acerca de questões relativas à arte e para a difusão dos ideais de liberdade e de denúncias contra o nazismo foram as revistas literárias publicadas pelos intelectuais. (ANDRADE, 2015 p. 322).

Dentre as publicações do período, destaca-se *Freies Deutschland/Alemanha Livre*; *Das Wort*; *Internationale Literatur*; *Die neue Weltbühne*; *Aufbau* e *Die Sammlung* (*Alemanha Livre/Alemanha Livre*; *A Palavra*; *Literatura Internacional*; *O novo Cenário Mundial*; *Estrutura e A coleção*). Alfred Döblin colaborou com a revista *Die Sammlung* (*A Coleção*) que, publicada por Klaus Mann junto à editora holandesa Querido Verlag, contou, além de Döblin, com contribuição de Stefan Zweig, Bertold Brecht, Johannes Becher, entre outros (ANDRADE, 2015). Participou também das publicações de *Das Wort* (*A Palavra*), revista instituída em julho de 1936, em Moscou, tendo como editores Bertold Brecht, Willi Bredel e Lion Feuchtwanger. Os intelectuais que compunham os quadros da revista representavam diferentes orientações políticas e ligavam-se pelo anseio de combater o fascismo. Essas publicações, entretanto, tinham um alcance muito limitado, apesar dos esforços de distribuição entre os países. As difusões restringiam-se, sobretudo, aos seus pares, compostos pela rede de contato concebida pelos editores dos veículos.

Alfred Döblin retornou à Europa em princípios de outubro de 1945 como um “retornado indesejado”, sentiu-se incompreendido e não se adaptou à nova Alemanha em que aportara:

Quando voltei, aí... não voltei. Já não és aquele que se foi embora, já não encontras a tua casa, que um dia deixaste. Quando te vais embora, não sabes disso. É uma suspeita que tens, quando te pões ao caminho do regresso, e dás-te conta quando pões pé na tua casa. Nessa altura ficas a saber tudo – mas note-se: ainda não é tudo.

Atravessamos o oceano até à Europa. A última coisa que vimos, quando de lá abalámos em 1940, foram as luzes de Lisboa. Partimos de noite. E de noite começamos a viagem de volta.

[...] Cheguei ao destino. Destino, mas que destino? [...].

(Pesadelos do exílio: um feitiço qualquer transplantou-me para esta terra, vejo nazis, aproximam-se de mim, começam a interrogar-me.)

Sobressalto: estão a falar alemão, ao pé de mim! Ouvir falar alemão na rua! Não vejo as ruas e as pessoas como dantes as via. Têm sobre elas, cobrindo-as como nuvem, aquilo que aconteceu e aquilo que trago comigo: a dor, o pesar destes doze anos. Fuga atrás de fuga. Sinto um arrepiamento por todo o corpo, tenho de desviar os olhos, vem-me a amargura. (DÖBLIN, 1996, p. 286 e 288-289).

O descaso para com o autor pode ser justificado pelas restrições impostas às produções dos dissidentes do nacional-socialismo (a origem judaica, as ideias de esquerda e a escrita de vanguarda o tornaram alvo capital do nazismo). Jochen Vogt (2020) aponta, em relação ao retorno dos exilados ao solo alemão na República Federal da Alemanha – a RFA, construída em 1949 como um dos estados sucessores da Alemanha derrotada na Segunda Guerra Mundial; de outro lado, construíra-se a República Democrática Alemã, a RDA, ou seja, a

Alemanha Oriental –, que se instaurou uma hostilidade aos grandes autores, não apenas em relação à área literária, mas também em âmbitos diversos, como – e principalmente – acerca dos cenários político, ideológico e científico. Vogt (2020, p. 18-19) pontua:

Durante muito tempo ainda, a Germanística da Alemanha Federal foi dominada por outros senhores com marcantes passados nazis, muitas vezes nas SS. Alguns foram desnazificados [...]. Depois de 1945, apenas excepcionalmente se foram buscar cientistas ao exílio para ocupar lugares apropriados [...]. Nesse tempo, eram típicos os chamados *Wiedergutmachungsprofessoren* [professores de reparação], na sua maioria judeus, que, em lugares precários e mal pagos, sofriam o desprezo dos colegas. Mais conhecidos são hoje ainda o filósofo Adorno, que regressara a Frankfurt pela mão do proeminente amigo Horkheimer, ou a teórica da literatura Käte Hamburger, que regressara da Suécia para Stuttgart. [...] É evidente que dentro deste cenário político, ideológico e científico não podia haver investigação séria sobre o exílio, desde logo porque não havia interesse pelo destino dos exilados.

Alfred Döblin, de sua parte, rejeitado e isolado na Alemanha, parte novamente para Paris com a esposa, Erna. Em 26 de junho de 1957, morre em uma clínica psiquiátrica pública (Emmendingen), próxima de Friburgo. Algumas semanas após o enterro, Erna suicida-se em seu apartamento na capital francesa. Döblin passou longo tempo esquecido do público, fora necessário um distanciamento de vinte anos para que sua obra voltasse a circular (PAWEL, 1983, s.p.). A proscrição, portanto, configurou-se como outra das consequências do exílio. As adversidades do desterro, conseqüentemente, acompanharam o autor de *Berlim Alexanderplatz* e sua família até o fim de seus dias.

### **Viagem ao destino: “Europa, tenho de deixar-te”**

*Viagem ao destino: relato e confissão* [título original: *Schicksalsreise. Bericht und Bekenntnis*] é dividido em três livros: Livro I: “Europa, tenho de deixar-te”, Livro II: “América” e Livro III: “De volta outra vez”. O livro I foi escrito entre os anos de 1940 e 1941, em Hollywood, Califórnia; os livros II e III, em 1948, em Baden-Baden. O primeiro livro também é segmentado em três partes: “Viagem ao desconhecido”, “Naufragado” e “Salvação” e é o mais longo da obra, contando com 249 páginas<sup>2</sup>.

O segundo livro, por sua vez, conta com vinte e duas páginas e seis capítulos e o terceiro, com cinquenta e nove páginas e dez capítulos. A análise aqui realizada se pautará pelo primeiro livro, “Europa, tenho de deixar-te”, o qual consiste nos relatos do autor sobre o

---

<sup>2</sup> Nesta obra, utilizou-se a edição de 1996, da Edições Asa e, deste momento em diante, as referências ao romance serão indicadas com o número de páginas.

drama vivido por ele, pela mulher, Erna, e pelo filho mais novo, Etienne – o casal teve quatro filhos, dois deles combatiam ao lado da França.

A obra é narrada em primeira pessoa e parte da reminiscência de Döblin, o qual retoma, a partir da memória, a fuga do continente em guerra: “Passo em revista aquilo que o ano de 1940 nos trouxe. Não esqueci nada. Não quero esquecer nada. Por isso escrevo este livro” (p. 252). Ele narra, portanto, a partir dos Estados Unidos, mais especificamente da Califórnia (cidade de refúgio da família), principiando sua história em 1941. Entretanto, finaliza esse primeiro tomo por volta de 1950, conforme se constata pela idade que diz ter no instante do relato: “Nasci em 1878, há setenta e dois anos” (p. 117).

Mesmo que o texto seja construído ao abrigo da memória, os tempos utilizados pelo narrador (pretérito perfeito intercalado ao presente do indicativo), dão a ver um passado imediato, ou seja, dão a ver acontecimentos que parecem ter acabado de se realizar. A troca de perspectiva envolvendo o momento do enunciado e o momento da enunciação, entretanto, é manifesta em alguns momentos:

Nas ruas, diante das mercearias, **começaram** as “bichas, que **agora** também, ditosamente, nos **batiam** à porta.

[...] **Era** um domingo abafado, dia nove de Junho. (...)

**Estou a ver-me** [momento do enunciado] na noite desse domingo, **caminhando** de mala na mão pelo taciturno pátio à luz do luar. [momento da enunciação] (...) A porteira **pergunta** angustiosamente se o meu amigo, o funcionário, também vai embora. **Digo** que sim e **entrego** a chave [presentificação da enunciação, o passado visto no agora do narrador – quando na América]. (grifos nossos. p. 23).

A narrativa, além disso, centra-se nas minúcias dos acontecimentos experimentados pelo narrador. O leitor, a partir disso, segue ao seu lado na presentificação de sua memória, ou seja, visualiza-o em sua jornada para deixar a Europa em pleno avanço do exército alemão – tal qual o narrador o faz quando em segurança nos Estados Unidos.

Cabe salientar que o texto de Döblin é muito imagético. Ele descreve cenas e percorre espaços e cidades pelas quais passou de modo quase cinematográfico: “Deparámos com telhados levantados e edifícios sem janelas. Uma construção fabril nova, alongada, fora atingida certamente: era como se o segmento do meio tivesse sido cortado à faca e despedado do envólucro [sic.] branco”. (p. 22). O cenário pintado pelo autor se assemelha às fotografias da guerra (Fig. 1).

Figura 1. França: destruição Rue de Bayeux, em Caen



Fonte: Arquivos Nacionais do Canadá

O relato apresenta, para mais, duas vozes narrativas: a de Döblin e a de Erna. Döblin passa a palavra à sua mulher (no décimo capítulo, da secção “Naufragado”) para que ela relate “Uma outra fuga”. Isso ocorre porque a narrativa inicia com a separação da família. No dia 16 de maio de 1940, ao terminar um trabalho que lhe ocupara meses, ouviu a notícia no rádio da tomada de Paris. Ele destaca que o ocorrido não lhe causou espanto porque há dias notara famílias inteiras comprimidas em carros abarrotados de utensílios domésticos, camas, colchões: “Eram refugiados da Bélgica e do Norte da França, que traziam o horror ao nosso pacífico cenário” (p. 17).

O narrador enxerga, nesse momento da enunciação, o drama dos refugiados de dentro para fora, em outras palavras, é o homem naturalizado e, até então, seguro na cidade em que

se radicou quem vê os “arautos da desgraça”<sup>3</sup> trazerem a “mensagem de que o arauto é portador”, essa mensagem “não diz respeito ao próprio arauto. Não eram apenas os seus próprios infortúnios que os refugiados levavam consigo de terra em terra, de continente em continente [...], mas também o grande infortúnio do mundo inteiro” (ARENDDT, 1991, p. 263). No caso em questão, os refugiados, chegando com o horror de seus destinos, estendiam-no ao pacífico cenário.

Um amigo o previne a deixar Paris com a família porque a capital francesa “podia de um dia para outro tornar-se ‘zona de guerra’ e ser evacuada” (p. 18). Döblin, entretanto, não estava inclinado nesse sentido. Concordou, todavia, em mandar a mulher e o filho para longe da cidade enquanto ele ficaria com o Ministério em que trabalhava, partindo posteriormente. A família seguiu a caminho do Sul da França: “Como um animal em muda de pele, assim nós desde que a guerra arreventou largávamos tudo” (p. 19). No dia 9 de junho, ele deixou Paris (com o Ministério) rumo a Tours.

A cidade luz, “a velha e jovial Paris” que os acolheu sorridente, mostrou-se, então, em uma visão sinistra “pela extinção forçada” (p. 19) da iluminação e por fazer-se silenciosa. Além disso, a carestia de produtos e alimentos começava a se delinear: faltavam gorduras, café e açúcar e, principalmente, combustível. Aumentava o número de lojas abandonadas porque os proprietários abandonaram a cidade. As estações de comboio, ao contrário, fervilhavam: centenas de pessoas em fuga, sobretudo famílias.

Ao deixar Paris, sua “viagem ao destino” principiava. O narrador reflete, no momento do enunciado, sobre o motivo de relatar a experiência traumática por que passou:

Quando agora, na América, do outro lado das águas imensas, na Costa do Pacífico, penso neste dia e nas semanas que lhe seguiram, em fuga e na vagueação, na infundável tensão, nas esperas e acotovelamentos que cedo sobrevieram, todo este pedaço da minha vida se me afigura como irreal. Não me lembro de em alguma época da minha vida ter sido tão magramente “eu”. (p. 28).

Para Döblin, a experiência não é apenas individual e histórica, é também espiritual. Ele destaca que, com a saída de Paris, dava partida não apenas às andanças e fugas de um lado para outro procurando salvar-se, mas começava sua transição de sujeito para vítima da desgraça: tornar-se-ia refugiado: “Tinha começado o primeiro troço da nossa viagem. Éramos assim conduzidos terra adentro, por ora protegidos e bem cuidados, por enquanto ainda como espectadores e parte interessada. Mas estava decretado que em breve abandonaríamos o nosso lugar na assistência para descermos nós próprios à arena” (p. 29).

---

<sup>3</sup> Expressão de Bertold Brecht.

Ao chegar em Tours, a escuridão era tal que não se podia vislumbrar a cidade e a estação. Döblin carregava consigo uma mala, um par de sapatos e o manuscrito de seu último trabalho. A escuridão devia-se a um ataque aéreo recente. Outro grande problema que se estabeleceu consistia em encontrar um lugar para dormir. Os abrigos, em todos os locais por onde passou, estavam repletos de pessoas como ele, de fugitivos da guerra: “A cidade tragava hordes de fugitivos. Nós tínhamos sido os primeiros. Chegava agora o grosso da coluna. Um incrível mar de gente era vazado cidade dentro. As ruas não desincham, dia e noite” (p. 33).

Ele, então, partiu novamente com o Ministério, agora para Moulins. Os alemães avançavam. Os integrantes do Ministério foram transportados em vagões de gado sem saber ao certo o destino da viagem – eram em torno de 120 a 150 pessoas, quarenta em cada vagão: passaram três dias e três noites no trem. Onde quer que parassem, deparavam-se com um mar de gente em espera. Receberam a notícia do armistício no meio do trajeto.

Nesse ponto, o narrador assume a voz da massa de indivíduos que estão em situação semelhante à sua e fala por meio de um “nós”: “Tentamos ouvir o que o outro pensa. (...) Não nos predispomos a assumir o monstruoso da situação. Sentimos que estamos pessoalmente envolvidos, mas sem saber ainda como. Neste momento, a pessoa se agarra à massa” (p. 50). Outro aspecto a se destacar condiz com a feição de um duplo registro dos fatos: o primeiro, memorialístico, redigido tempos depois, na América; o segundo, no instante em que os acontecimentos se desenrolam, o que pode ser percebido quando o narrador destaca: “é em Junho que escrevemos” (p. 52).

Aportaram em Cahors. O governo, após a derrota, proibira toda e qualquer retirada e só se poderia seguir de um lugar a outro por meio de autorizações especiais: “Ora, como os automóveis já de si estão eliminados, devido a escassez de gasolina, isto representa simplesmente a imobilização de todo tráfego civil. Uma pessoa tem de ficar onde está” (p. 56). Döblin, desvinculado do Ministério em que trabalhava, pensou em partir em busca da família. Conseguiu um *sauf conduit* e partiu mais uma vez almejando chegar a Le Puy.

Passou por Rodez, queria avançar, mas não conseguia. Partiu para Mende, onde se abrigou em um campo de refugiados. O sentimento de que se transformara em mendigo, em um maltrapilho, o invadiu. Além disso, presencia em Mende uma cena que o chocou: um homem morto na ponte tem o corpo descartado com descaso:

É um homem já entrado em idade, simples. Tem a cara desviada para a esquerda, de um branco amarelado, e coberta de sangue e porcaria.  
(...) Lançaram-no da ponte abaixo, ao sol do meio-dia. Uma cena inacreditável. Cena que obscurece tudo quanto é visível, que ilumina com a sua tenebrosidade o dia claro.

[...] Este homem não há-de ir a mais parte alguma, agora. Cumpriu a sua faina diária; não vai mais cumpri-la. As viaturas militares rolam ainda rumo à sua guerra. O homem é enxotado para o lado, misturado com o lodo da estrada. É isso que nós somos. (p. 81).

Döblin conseguiu chegar em Le Puy, deixando Mende para trás – “Eu... trazia comigo a viagem desde Tours, Moulins, a cidade de Mende, o campo, o morto na ponte” (p. 83-84). Procurou a pensão onde a mulher e o filho haviam se hospedado, mas não mais os encontrou: haviam partido três dias antes. Ele, então, retornou a Mende e ao campo. O narrador passa a refletir sobre sua existência e sobre religiosidade – o cristianismo nascente que se exacerbará anos depois<sup>4</sup>. A apatia o dominava no campo. Comprou um bloco-notas para alinhar ideias e escrever suas reflexões.

O campo de refugiados é minuciosamente descrito pelo narrador em seus pormenores: o espaço físico, o local em que estava situado na cidade, as pessoas que lá paravam e “as cenas da vida” cotidiana do barracão. Ele pontua que todos eram parecidos, que uma pessoa se sujava e ia se emporcalhando mais e mais. Todos, assim, adquiriam o mesmo semblante “embotad[o] e inquiet[o], a mesma postura lassa” (p.106). Sem banho, sem escovar os dentes, sem uma refeição decente: viviam em crescente degradação.

Recebeu um telegrama da mulher com seu paradeiro depois de um tempo vivendo no campo. Ela e o filho estavam em Toulouse. O problema dos transportes voltou a assolá-lo. Como chegaria a Toulouse? Conseguiu, alguns dias depois, uma carona em um caminhão e uma *ordre de mission* para seguir viagem. Mende chegava ao fim, já não era mais um morador do campo de refugiados. Em Toulouse, o reencontro com a família: “Estamos juntos” (p.162).

A narrativa, a partir de então, aborda outro ponto de vista: Döblin passa a palavra para Erna. Ele, ainda assim, é quem conduz a explanação. O narrador reconta o que ouvira da esposa, ou melhor, ele nos faz ouvir o que ela relatou quando do encontro do casal: “É a vez da minha mulher relatar o que lhe aconteceu a ela e ao nosso filho desde que nos separámos em Paris, naquela estação ferroviária mergulhada em escuridão, apinhada de gente, até àquele princípio de tarde em Toulouse” (p. 163).

A narrativa (ainda em primeira pessoa, mas agora feita por Erna) principia *in medias res*. O seu relato não parte da despedida na estação, mas quando da chegada a Le Puy de afluxos de refugiados – famílias em caminhões, carros, bicicletas (Fig. 2): “as ruas estão inundadas de gente. Oferece-se pão e sopa quente aos recém-chegados, leite às crianças.

---

<sup>4</sup> Cristianismo que ocupará a maior parte dos demais livros de *Viagem ao destino*.

Quem não tem parentes na terra, é transportado aos arredores. Defronte da gare há pessoas espalhadas pelos degraus, que ali ficam sentadas horas a fio, na esperança de um cantinho nos comboios mais que irregulares” (p. 165).

Figura 2. França: refugiados em fuga com os pertences



Fonte: Arquivo Federal Alemão (Bundesarchiv)

Uma tropa aportou na cidade. Nas mercearias, os produtos se esgotavam rapidamente. O correio deixou de circular. As escolas fecharam e os hotéis foram requisitados como abrigo. A dona da pensão onde ela e o filho hospedavam-se requeria o quarto em que dormiam: Erna teria de deixar Le Puy. Ao buscar uma *ordre de mission*, aconselharam-na a se esconder nas montanhas, o que se recusara a fazer. Sua amiga, Marthe Schmidt, conseguiu-lhe um salvo conduto para a viagem. Partiu, então, rumo a Bordéus, tentando encontrar o marido, mas a condução os deixou em Rodez.

As dificuldades em encontrar abrigo foram semelhantes às vivenciadas por Döblin. Mãe e filho seguiram de taxi até Bordéus, gastando, com isso, quase todo o dinheiro que possuíam. Bordéus fervilhava de parafernália militar. A cidade transbordava desterrados e combatentes. A única hipótese de alojamento consistia em um *centre d'accueil* [centro de recepção] – “não há buraco em que não haja gente encafuada” (p. 172). A alimentação tornou-se precária em função do pouco dinheiro restante.

Depois de um tempo, recebeu pistas de onde poderia localizar Döblin. Com a assinatura do armistício, em 22 de junho de 1940, a chegada dos alemães em Bordéus era

questão de tempo. O funcionário de um Ministério (a quem recorreu em busca do marido) preveniu-a:

Estará melhor seja onde for, noutra sítio que não aqui. Dentro de dias os alemães chegam cá. É certo que não sabemos pormenores concretos sobre o Armistício. Mas a cidade há de ser ocupada pelos alemães. (...) vá-se embora, para fora de Bordéus. Aliás, para fora de França, até, é ir-se para longe, bem longe. (p. 174).

Erna se viu desnorreada. Informações desencontradas do marido, os alemães batendo à porta, nenhuma notícia dos filhos que combatiam ao lado da França, o dinheiro escasseando a cada dia, e sem perspectiva de arranjar transporte. Todavia, uma ajuda inesperada a tirou do sufoco.

Cabe apontar que a narração, nesse instante, passa a uma terceira pessoa do singular. Tal aspecto consiste em um curto período, o que pode ser visto como um descuido do autor ao transpor a explanação da mulher para o texto ou pode sinalizar a intenção inicial do autor em retratar a história da mulher a partir do ponto de vista heterodiegético. Não obstante, essa troca ou engano em relação às pessoas narrativas corrobora a premissa de que o narrador inicial coordena e seleciona o que julga relevante na fala da mulher:

Em breve **estamos** instalados numa mesa posta. (...) **Come** com fervor. A maravilha de umas folhas de salada, apresentada como *hors-d'oeuvre*, arrebatada, literalmente. (...) Era tudo tão espantoso! **Ela** só **comia** como deve ser uma vez ao dia, e esta era a **sua** refeição forte. Ao entardecer, uma breve passagem pela escola, em visita ao nosso amigo. Ao pôr os olhos nuns tantos telegramas oficiais, **pergunto**-lhe se não seria possível indagar em Le Puy se o **meu** marido porventura lá teria aparecido. (grifos nossos. p. 179).

Erna recebeu uma generosa quantia de um senhor bordelense que se oferecera para auxiliar. Com isso, conseguiu seguir com o pequeno rumo a Toulouse. Instalaram-se em um Hotel. Erna compartilha o lavabo com uma mulher que conhecera no local e com quem teve longas conversas. A companheira de infortúnio queixa-se dos habitantes de Toulouse:

Em lugar de se mostrarem prestáveis e preocuparem-se com aqueles que, expulsos de suas moradas, não têm mais onde ficar e andam em bolandas como eu, depois de passar por coisas terríveis, e a viver debaixo de uma pressão enorme. As pessoas não vêem neles compatriotas dignos de solidariedade, mas sim bocas indesejadas a alimentar. (p. 186).

A escassez de produtos era sentida da mesma maneira em todas as localidades por onde passavam – por toda a parte encontravam a inscrição: “*Pas de*.”. O serviço de telegrafo, de outro lado, voltara a funcionar e Erna retomou as buscas em relação ao paradeiro do

marido. Ao fim de cinco dias, recebeu um telegrama: ele estava em um campo de refugiados em Mende.

O relato de Erna termina e Döblin retoma a narrativa. A perspectiva inicial da história é externa, como se ele os enxergasse de cima e com certa distância: “Ali estão na gare, a minha mulher e o garoto, pálidos e abatidos, e ali estou eu, pálido e sumido como eles” (p. 191). A primeira medida a ser tomada consistia em deixar a França. O filho mais velho, Peter, partira para a América pouco depois de deixar a Alemanha, recorreriam a ele – para que Peter entrasse em contato com a associação de escritores.

Tomam conhecimento, a partir das notícias jornalísticas, que as naturalizações seriam revistas em breve. Com isso, a qualquer momento, seus passaportes poderiam ser confiscados, passaportes esses que, conforme constatam, haviam expirado. Começam uma corrida em busca de documentação: passaportes e autorização militar para cruzar a fronteira. Não encontram grandes obstáculos para conseguir a renovação dos passaportes. Já, quanto à autorização militar, algumas cláusulas do Armistício estipulavam que pessoas de origem alemã não deveriam abandonar o país. Apesar disso, eles conseguem o documento.

Seguem para Marselha, onde (conforme informado) poderiam obter os vistos para a América. Precisavam, para mais, de dois vistos: o espanhol e o português. Perambularam de Consulado a Consulado a fim de obtê-los. Na instituição consular portuguesa, aglomeração de pessoas e mais exigências. Para o visto português era necessário ter em mãos o visto americano e as passagens de barco – “mas pagar com quê? E aliás, com que é que havíamos de pagar a viagem até Lisboa?” (p. 209). Depois de um tempo, conseguiram os vistos e a passagem de barco, mas faltava-lhes o dinheiro para a viagem até Portugal. Mais uma vez, uma ajuda oportuna e inesperada salvou-os – um desconhecido empresta-lhes dinheiro. Partiriam para Lisboa – atravessando, antes, a Espanha.

### **Portugal, enfim... a ponte para a América**

Portugal era “uma nova alínea” (p. 225) na rota para salvação de Alfred Döblin. Nesse instante do relato, ele retoma um questionamento feito anteriormente: valia a pena registrar tal infortúnio? Tudo que lhes aconteceu teria algum interesse? E, seguidamente, destaca que essa viagem teve para ele um caráter que ultrapassava o real, algo na senda do excepcional, do fantástico.

A princípio escrevi:

“Agora que pego na pena para começar a narrar este troço da viagem – uma viagem a partir da França há pouco sucumbida, a meados de Junho de 1940, antes da assinatura do Armistício – interrogo-me depois de um breve

panorama geral; por junto, que sentido tem isto? (...) Falando mais precisamente, redondamente: não se tratou de uma digressão de uma localidade francesa para outra, foi, sim, uma viagem entre o Céu e a Terra.

(...) Depois escrevi:

“Era um impulso”, um sentido de urgência que tomava conta de mim.

[...] E assim me vi encaminhado para o escaldante Portugal, um mundo rico em cor, meridional, pacífico. (p. 226).

No instante do relato, ou seja, já na América, ele retoma suas anotações do período, no qual Portugal seria a ponte entre o caos e a redenção. Portugal era a Europa deixada para trás; e com ela, a guerra, mas também a vida anterior. Ao descrever o país em que aportou – depois de longo percurso em meio às trevas das cidades bombardeadas, ocupadas e de pessoas sem rumo, em desamparo e desespero –, alguns aspectos chamaram-lhe a atenção: o barulho, a abundância e a boa disposição dos habitantes.

A solidariedade dos lisboetas era um fato. Ao chegarem à fronteira portuguesa, são recebidos por um gentil funcionário que os encaminhou a uma pequena casa defronte à estação. Na casa, um grupo de mulheres, tão afáveis quanto o funcionário, os acolheu. No comboio que os levaria até Lisboa, desconforto e “um punhado de gente barulhenta”, contudo, a “solidariedade aqui chegou a ultrapassar a espanhola” (p. 227). O temperamento emocional do português fora notado de imediato: a “extravagante vozeria desde logo se nos impôs. A nós, gente do Norte, afigurava-se como excessiva, fenomenal. O fenômeno só em Lisboa havia de se revelar a nossos olhos em toda a sua potência e natureza. Reinava a boa disposição, ria-se muito” (p. 227).

Um homem que conheceram no comboio arranjou-lhes um alojamento em Lisboa. Foram advertidos, antes de entrarem no país, que seriam detidos mal colocassem os pés na estação porque encontravam-se na capital milhares de refugiados e, em função disso, a Polícia dispersava os recém-chegados para o interior do país ou para campos. Lisboa, porém, recebera-os desembaraçadamente: “com a mesma naturalidade com que nos acolheu, assim Lisboa nos havia de desapontar superlativamente” (p. 228).

Chegaram na cidade de madrugada. A luminosidade das ruas, “infernamente luminosa(s)” (p. 228) e repletas de pessoas animadas, os choca:

Foi assim, com luz, música e risos que Lisboa nos acolheu.

Não esqueceremos o abalo que isso nos deu. Em que estado tormentoso se debatia, não longe daqui, a grande França, eram cidades em trevas forçadas pela guerra, a região norte infestada de conquistadores. Passava-se fome, e aguardava-se as disposições do vencedor. Sofria-se, a aflição era geral. Milhões de homens aprisionados, outros tantos tomados de pavor, dezenas de milhares levados à morte – e aqui, brilhava a luz. Fruía-se a paz.

Não conseguíamos sentir alegria, só pensávamos no que ficara para trás. (p. 228).

Foram hospedados na pensão Glória. Döblin, ao compreender o significado do nome da pensão, sentiu-se como se atingido por uma aguilhoada: glória, para eles que se sentiam derrotados, pareceu-lhe um escárnio. No outro dia, a alimentação apresentou-se-lhes farta e substancial: “sopas espessas, nutritivas, peixe, carne e fruta, o triplo de uma refeição francesa, em envergadura. A quantidade parecia ser aqui o primordial; e nós andávamos de tal modo esfaimados que, de começo, pouco mais nos interessava” (p. 229).

O narrador descreve minuciosamente a cidade. A pensão situava-se em uma zona de movimentado comércio: alojaram-se no coração da cidade, com trânsito ruidoso, automóveis, caminhões, bondes, restaurantes, gritos, risos e chamamentos. A hospedaria achava-se à rua dos Fanqueiros; como essa, as adjacentes também tinham nomes de ofícios. Em seu arrabalde, ademais, “abria-se uma praça larga e quadrangular (...). E a meio da extensa praça, agrestemente batida pelo sol, empinava-se, (...), um corcel, um cavalo de bronze. Empinava-se, diria, acalorado pela brasa tremenda, e transportava um monarca” (p. 231): eis a Praça do Comércio. No seu interior, o prédio que frequentariam durante toda a estadia em Lisboa: a estação central dos correios.

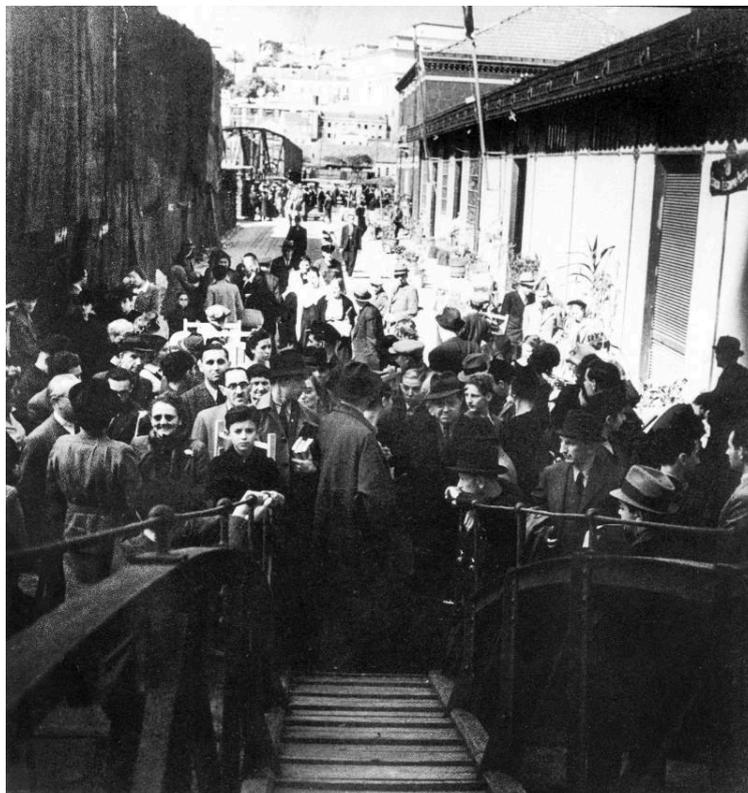
A inspeção ao *poste restante* (ou seja, o local onde as cartas ficavam guardadas até serem requeridas pelos destinatários que não possuíam endereço fixo) faria parte da rotina da família Döblin em Portugal, assim como para muitos refugiados que se amontoavam em filas à espera de cartas e telegramas. O narrador vai destacar que a esquina dos Correios de Lisboa, “nos mais remotos confins da Europa” (p. 232), tornou-se “ponto de encontro trágico” de pessoas como eles, náufragos: “eram povos inteiros lançados na servidão, famílias dispersas, a Europa expiava os seus pecados e omissões. Enquanto isso, nós, refugiados, pertencentes a essa Europa, ali estávamos em Lisboa à espera da boia de salvação” (p. 232).

Depois de um tempo, receberam notícias do envio de dinheiro: teriam recursos para esperar. O tempo de paragem, no entanto, era incerto. Deixam-se ficar na pensão. O calor do período era abrasador. Não tinham roupas adequadas, usavam agasalhos de lã e sapatos rotos. Döblin frisa que era uma existência instável e inquieta. Lisboa, apesar disso, representava uma descompressão após o horror vivenciado.

Recebem informações sobre os bilhetes de partida. Um telegrama da organização judaico-americana apontava que os bilhetes haviam sido providenciados e a data de partida datava 30 de agosto. Estabeleceu-se uma confusão em torno do paradeiro das passagens.

Depois de desfeita a confusão, a partida efetiva se daria em princípio de outubro, porém eles trocaram as passagens para um navio grego que partiria seis semanas antes, o *Nea Hellas*: “A abalada está para breve. O horror dos últimos meses há-de enterrar-se bem fundo” (p. 249). No embarque, havia dúzia de pessoas no cais (Fig. 3).

Figura 3. Bagagem e refugiados nos cais de Lisboa



Fonte: Arquivo Histórico Diplomático do MNE

O navio, repleto de refugiados deixando o continente, singrou o oceano sem desassossegos – após cruzar os Açores. Assim como eles, muitos dos desterrados que partiam pertenciam a círculos intelectuais e se iam salvos, avançando rumo à América.

### **Considerações finais ou o olhar de fora sobre Portugal — O final do percurso: Lisboa na óptica de Döblin**

Os Döblins passaram quatro semanas em Lisboa. O calor escaldante do ano de 1940 (considerado anormal, segundo o narrador) paralisava os movimentos e impedia uma maior circulação pela cidade. Além do calor, o barulho era um dos fatores marcantes na passagem do autor pelo país. Para mais, a luminosidade, a alegria e o alarido das pessoas frente ao contexto em que o continente se encontrava parecia-lhe incongruente. A animação, o bem-estar e a fartura eram quase afrontosas em face ao padecimento dos países em guerra:

mesmo em um terreno pacífico, a alegria não lhe parecia concebível diante do trauma e da vulnerabilidade vivenciados há pouco e do luto pela vida interrompida, vida que foi abandonada.

Alfred Döblin destaca que pouco sabia sobre Portugal, exceto que em meados do século XVIII foi cenário de um grande tremor de terra, tremor esse que motivou Voltaire a escrever seu texto mordaz sobre o otimismo e o melhor dos mundos possíveis. Durante sua estadia, no entanto, o autor de *Berlim Alexandreplatz* somou “mais qualquer coisa” aos seus conhecimentos. Ao falar dos monumentos de Lisboa, ele dedica espaço em sua escrita para tratar do Marquês de Pombal: no “termo de um passeio largo encontra-se um monumento de uma vivacidade tremenda (...). O homem que colocaram ao cimo, bem alto, num pedestal, é o marquês de Pombal, o autoritário estadista português de finais do século XVIII” (p. 242). Ele aponta que Pombal era um déspota, mas que desenvolveu a indústria e, por esse motivo, “a juntar à eliminação dos Jesuítas” (p. 242), Portugal erigiu seu monumento.

O narrador reflete, com isso, sobre o poder despótico que coloca no poder homens como o marquês, mas que o povo estaria consciente da opressão e da privação dos direitos impostos pelos tiranos e, como fizeram com Pombal, expulsá-los-iam assim que possível:

Agora, dois séculos depois, sai uma pessoa a passear pelas ruas de Lisboa e continua a ter um tirano às costas, pois não é que se dá as caras em plena cidade (...) com um pedestal de mármore ostentando uma inscrição laudatória, um tal Marquês de Pombal (...).

E para que se espantem e orientem quanto ao local onde de facto a figura, pois preparem-se para a estupefacção maior: na Avenida da Liberdade. (p. 243).

Ao contemplar a estátua do Marquês do Pombal, o autor de *Berlin Alexanderplatz* provoca reflexões acerca da monumentalização de um déspota que simboliza a história construída sobre arbitrariedade e violência. A história dos vencedores (tomando de empréstimo termos benjaminianos), contudo, pode ser subvertida pelas histórias daqueles que sucumbiram diante da barbárie. Döblin, por meio de seu depoimento, consegue deslocar o monumento memorialístico do seu sentido heróico (SELIGMANN-SILVA, 2022), refletindo o seu tempo presente – ao questionar o passado construído na efígie do Marquês –, um tempo de ditadores, perseguição, mortes e destruição em grande escala, que poderia tê-lo soterrado junto aos escombros deixados pelo Eixo.

Todavia, Döblin não tece consideração explícitas sobre o governo ditatorial constituído pelo Estado Novo, como o faz com a Espanha – do qual ele destaca, mesmo que rapidamente, o caráter fascista e desumano do regime de Franco. Ao recorrerem ao consulado espanhol em

busca dos vistos, o funcionário que os atende concede os documentos de má vontade. Diante da atitude do homem, ele desabafa:

Deu-nos os vistos. Seguramente que não de bom grado – isto de dar vistos; de aplanar a fuga a gente a quem o outro fascista aliado pretendia deitar mão. Eu podia jurar que, para o homem, era uma traição que estava a cometer. Uma contrapartida do ocorrido no gabinete militar de Toulouse... O outro extremo da corda. Numa das pontas era a justiça a puxar, a humanidade, a solidariedade; nesta era a tacanhez política, o ódio, o desdém pela pessoa. (Mas depressa descobri que na própria Espanha que fascismo e Espanha são coisas diferentes). (p. 212).

O narrador comenta ainda, ao atravessar a Espanha e dividir o assento no trem que partia de Port-Bou até Barcelona com um jovem fascista:

A dada altura, reparando no meu canivete com um nome gravado, examinou atentamente os dizeres (...) e a dada altura retira do bolso interior, a apresentar-lhe por sua vez, um livrete, dir-se-ia a caderneta de sócio de um sindicato. Li-lhe o nome, seguido de “Associação de Camaradas contra o Marxismo”.

Este homem simples e afável era, pois, um dos caluniados “brancos”. Era este o aspecto de um “fascista”, em Espanha. Compenetro-me de que isso não faz dele um novo tipo de ser humano. Pelo menos enquanto ali estiver sentado por si só ao meu lado. Não sei o que é que passa a ser quando marcha entre os “camaradas”, isto não sei. (p. 218).

O país vizinho também era regido por um governo autoritário que se estenderia para além de seus congêneres europeus, duraria quarenta e oito anos, tendo fim com a Revolução dos Cravos, mas o narrador não tece qualquer comentário em relação ao regime ou em relação ao governante português.

O contraste entre um cotidiano festivo proposto pelo governo com a Exposição do Mundo Português, realizada naquele ano de 1940, é refletido também pelo vozerio, pela cantoria dos moradores da capital. Esse cenário de festejo diante do abatimento da multidão em fuga que começava a tomar as ruas, a formar filas nos correios em busca de notícias, que clamava por sustento e ajuda durante o tempo em que estiveram em espera no país (de roupas em frangalhos, de bens deixados para trás, de abalos irremediáveis, de aturdimento diante da luz enceguecedora após a realidade tangível dos *blackouts*, enfim, de uma existência fraturada) afronta e é afrontada não só pela alegria, como pela paz e pela tranquilidade distante e alienada dos acontecimentos que se lhes avizinham.

Contrariando a propaganda salazarista, Döblin expõe uma Lisboa de garotos esfarrapados e descalços, “ardinas” [vendedores de jornal] que apregoam as notícias aos berros e reforçavam o barulho da “grande fábrica moderna de produção de ruídos” (p. 239) – como caracteriza Lisboa. Além dos jornalheiros, ele destaca a grande presença de cavalos e

carroças que concorrem com os automóveis por espaço nas ruas lisboetas, caracterizando a precariedade e o quanto de arcaísmo o país ainda apresentava. Ademais, as pessoas escarravam. Escatologia a que se detém em uma tipologia observada nos costumes locais e que marcam sua passagem pela cidade, refletem a percepção da incivilidade local. O narrador reflete:

E o que significa escarrar? Portugal é um país neutro. Se tivesse sido invadido e estivesse na situação de uma Holanda, de uma Noruega, seria levado a crer que se trata de uma forma de empenhamento político, é como um descarregar. Simplesmente, para a nossa salvação, são independentes. Há que se encontrar uma explicação. E ei-la: o ruído. O escarrar anda de mãos dadas com o barulho. Como não se pode desatar a gritar sem mais nem menos e nem todos trazem chocalho consigo, cospe-se, assim dando provas, pelo menos, de bons intentos. (p. 241).

Döblin expõe o retrato de Portugal como espaço de trânsito, mediado pelo filtro da instantaneidade, da passagem permeada pelo provisório. Nesse sentido, a paisagem que apreende é parcial, distante da realidade histórica e tangível dos habitantes imersos no cotidiano e nos problemas circunscritos, assim como distancia-se também da propaganda oficial que busca dar a ver um país receptivo, neutro e acolhedor, mas cerceado pela censura e repressão.

Marc Augé (1994, p. 73) aponta que o lugar se completaria pela fala, “na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores”, definindo e compartilhando um território retórico. Esse espaço retórico que a propaganda salazarista buscou no período construir – e que, de certa forma, se perpetuou até a contemporaneidade – pode ser, concomitantemente, confrontado pelos relatos dos refugiados em trânsito. A indiferença do governo que celebra suas conquistas de outrora em um momento de caos, turbulência e luto, para além do intuito de inculcar orgulho na população e vangloriar-se pela providencial neutralidade, demonstram o descaso e o distanciamento, ou melhor, o não pertencimento ao destino comum europeu. Döblin destaca, ao deixar o solo português, que a “exposição do Centenário resplandecia como num conto de fadas, à nossa passagem. A sua mágica luminosidade foi a última imagem que tivemos da Europa, envolta em luto” (p. 249).

Segundo Augé (1994, p. 78-79), o argumento de Michel de Certeau, ao empregar a expressão “relatos de espaço”, aponta para a dualidade existente nos relatos que atravessam e organizam lugares, ao mesmo tempo em que discute o lugar que constitui a escritura desses relatos. Ele destaca que o livro se constrói antes mesmo de ser lido, percorrendo diversos lugares antes de se consolidar como um todo. Assim como uma viagem, o relato que descreve essa experiência passa por diferentes locais, gerando uma multiplicidade de perspectivas. Essa

diversidade de lugares cria um desafio para o observador, já que o excesso de informações torna difícil abarcar tudo visualmente e descritivamente. O efeito resultante desse processo caracteriza-se pela sensação de “expatriação”, a qual introduz uma ruptura entre o viajante-espectador e o espaço da paisagem que ele explora, impedindo-o de perceber plenamente o lugar.

O relato de Alfred Döblin perpassa o não-lugar em que o refugiado está circunscrito. O percurso ou o trânsito entre o espaço de partida – constituindo a vida desimpedida e plena de antes da ruptura da guerra, em seu sentido antropológico – até o ponto de chegada – de trégua ou de salvação que o local de acolhida representava. O contraste entre a França recém ocupada (início da travessia) e a última ponta da Europa é fundamental para se distinguir o choque e o dissenso entre o Portugal dos relatos propagandísticos e o sentimento de desamparo das pessoas desterradas que imploravam por empatia para com o drama que envolvia o mundo de então.

Portugal, além disso, foi palco da onda de imigração resultante da evasão das cidades ocupadas ou da fuga às perseguições. Muitos refugiados buscavam segurança em terras lusitanas, mas, sobretudo, almejavam atravessar o Atlântico passando pelo país: “Dezenas de milhar de refugiados não tardaram a chegar à fronteira portuguesa, utilizando os meios possíveis por via aérea ou ferroviária, quando não atravessando a Espanha ao vaivém da sorte”. (SERRÃO, 2008, p. 394). Os maiores problemas encontrados pelos que adentravam ou almejavam transpor as fronteiras portuguesas eram os vistos e as passagens em transportes — o acesso a eles, fora de Portugal, representava o limiar entre vida e morte – como caracteriza Döblin.

No inventário de fugitivos que passaram por Portugal no período da Segunda Guerra Mundial, destacam-se muitas personalidades. Os nomes mais célebres vão desde o rei Carol da Romênia, passando por escritores como Franz Werfel, e historiadores como Golo Mann, que chegou à Lisboa com a irmã Erika, assim como com seu tio e a mulher, Henrich e Nelly Mann (filhos e irmão de Thomas Mann), entre outros. A filósofa Hannah Arendt, por exemplo, aportou em Lisboa em janeiro de 1941. Arendt, que levava consigo o “manuscrito *Über den Begriff der Geschichte* (Sobre o Conceito de História), entregue a ela por Walter Benjamin em Marselha, antes de se suicidar” (PIMENTEL, 2006, p. 144), permaneceu três meses na capital portuguesa.

A lista de intelectuais, artistas, políticos e cientistas que recorreram a Portugal como porto de passagem para deixar a Europa é imensa. Arthur Koestler foi outro dos que estiveram

no país por curto período. Koestler fugiu de Marselha passando por Orão, Casablanca e Oujda até chegar em Lisboa. Outra personalidade que cruzou a capital foi Israel Mosche Blauschild, mais conhecido pelo nome artístico de Marcel Dalio, acompanhado de Madeleine Lebeau. Eles conseguiram deixar a Europa, utilizando vistos concedidos por Aristides de Souza Mendes<sup>5</sup>, com o qual puderam chegar a Hollywood. Um dos primeiros filmes que lá fizeram foi Casablanca. O filme retrata o dilema dos refugiados e nele Portugal destaca-se como o caminho para a segurança e a liberdade, o que se constata ao final da trama, quando a personagem Yvonne — interpretada pela própria Madeleine Lebeau — segue rumo ao país.

Alfred Döblin é um dos muitos exilados que passaram por Portugal e que deixaram registro do percurso. Seu relato, assim, pode ser elencado à escrita do deslocamento<sup>6</sup>. Nesse contexto, acompanhar o percurso dos intelectuais refugiados — ilustrado aqui através da obra *Viagem ao destino: relato e confissão* —, com o intuito de reunir peças de um quebra-cabeças a fim de desmistificar ou desconstruir a “memória protética” de Portugal como oásis em meio às chamas europeias. O desafio inicia-se pela ponta do trajeto, passa pela dificuldade em deixar uma França ocupada pelos nazistas a partir de 1940, e desemboca no navio que cruza o oceano rumo às Américas. O relato de Döblin demonstra, portanto, o descompasso entre a imagem de um Portugal salazarista como benevolente ao drama enfrentado pelos refugiados e a angústia desses indivíduos consumidos, entranhados, impregnados pela barbárie e pela catástrofe. O descaso português diante do drama dos “arautos da desgraça” figura, assim, como um dos elementos funestos no deslocamento exílico.

## Referências

- ANDRADE, Patrícia Helena Baialuna de. A literatura de exílio alemã nas páginas da Revista das Wort. *Miscelânea*, Assis, v. 20, p. 325-342, jul. – dez. 2016. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/46/42>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- ARENDE, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

---

<sup>5</sup> Aristides Sousa Mendes foi o Cônsul Português na Alemanha no período. Em 1940, fora enviado a Bordeaux e desafiou as ordens de Estado que proibiam os cônsules de conceder vistos a estrangeiros de nacionalidade indefinida, aos apátridas e aos judeus.

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre o conceito de “Escrita do deslocamento”, ver : LIMA, C. R. de. A escrita do deslocamento: intelectuais exilados e literatura de exílio. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/15331>.

- BENJAMIN, Walter. A crise do romance. Sobre Alexanderplatz, de Döblin. In.: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (obras escolhidas; v.1). São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 54-60.
- BOLLE, W. Crise do romance – crise de um país: Berlin Alexanderplatz, de Alfred Döblin. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 23, n. 27, p. 77-94, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i27p77-94. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148536>. Acesso em: 3 jan. 2022.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- DÖBLIN, Alfred. *Viagem ao destino: Relato e confissão*. Porto/ Lisboa, Portugal: Edições Asa, 1996.
- PAWEL, Ernst. The renaissance of Alfred Döblin. *New York Times*, Abril 17, 1983, Seção 7, p. 11. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1983/04/17/books/the-renaissance-of-alfred-doblin.html>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- PIMENTEL, Irene Flunser. *Judeus em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial: em fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2022.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Vol. XIV : Da 1ª Legislatura à visita presidencial aos Açores (1935-1941). Lisboa : Verbo, 2008.
- VOGT, Jochen. Exílio em Portugal – estudos sobre o exílio na República Federal da Alemanha. Reflexões de um germanista alemão. In. : OLIVEIRA, Teresa Martins de ; TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar (eds.). *De passagem: artistas de língua alemã no exílio português*. Porto, Portugal : Edições Afrontamento ; Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP), 2020, pp. 13-26.

**Recebido em:** 23/06/2023; **Aceito em:** 10/12/2023